MIRANDA DE ANDRADE

DOIS ÁLBUNS LITERÁRIOS DUM POETA PORTUENSE

Separata do «Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos», n.º 14

1967

134.3-1 Lemos, Joa

COMPOSTO E IMPRESSO NA
PAPELARIA E TIPOGRAFIA LEIXÕES
RUA BRITO CAPELO, 251 MATOSINHOS

OBRAS DO AUTOR:

Camões e o Platonismo, (um problema de crítica literária) 1926.

O Poeta António Fogaça (estudo biográfico-crítico). Ed. Livraria Cruz. Braga. 1949.

A Lição de Camões (estudo sobre o valor moral de « Os Lusíadas »). 1951.

Eça de Queirós e a « Revista de Portugal ». Ed. da rev. « Ocidente ». Lisboa. 1953.

Ao Ritmo da Vida (estudos e crónicas). 1959.

Obra Poética de António Fogaça (organização e prefácio). Ed. da Câmara Municipal de Barcelos. 1964.

ESTUDOS PUBLICADOS EM DIVERSAS REVISTAS CULTURAIS:

Goya e a modernidade da sua Arte. 1963.

O « Cancioneiro Chinês » de António Feijó. 1965.

Um Ensaio de Garrett sobre a Poesia Portuguesa. 1966.

Acerca de « A Gioconda » de Leonardo de Vinci. 1966.

O parnasianismo de Jaime de Séguier. 1966.

O Poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage. 1966.

Conferência:

O Poeta, Jornalista e Cônsul Jaime de Séguier. 1966.

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 60062
Barcelliana

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

DOIS ÁLBUNS LITERÁRIOS DUM POETA PORTUENSE

Por MIRANDA DE ANDRADE

(CARTAS INÉDITAS DE JOÃO DE DEUS, ANTERO DE QUENTAL, ANTÓNIO NOBRE, CONDE DE SABUGOSA, GOMES LEAL, ALBERTO DE OLIVEIRA, LUÍS DE MAGALHÃES, BRANCA DE GONTA COLAÇO E OUTROS).

NOS fins do século passado e princípios do actual, tornou-se bem conhecido no Porto, onde nascera, o poeta e jornalista Joaquim de Lemos, pertencente à geração de António Nobre, de quem foi íntimo amigo e companheiro. Ganhou nome de bom poeta e de prosador elegante, tendo deixado variada colaboração em diversos jornais e revistas literárias do Porto e de Lisboa. Era formado em Farmácia pela Escola Médico-Cirúrgica daquela cidade e exerceu a sua actividade no estabelecimento farmacêutico que ainda hoje tem o seu nome, na Praça de Carlos Alberto, tornando-se homem socialmente muito estimado pela distinção das suas maneiras e pelo brilho do seu espírito. A sociedade culta do Porto estimava-o, assim como a seu irmão, António de Lemos, também distinto poeta e escritor, que geriu a referida farmácia durante muito anos e foi um dos mais antigos sócios da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras da invicta Cidade.

João Paulo Freire, em rápidos traços, biografa Joaquim de Lemos no segundo volume do seu livro *Poetas Portuenses* e cita-lhe a bibliografia, dentre a qual, além de uma *Camoniana*, se destacam três obras que foram especialmente apreciadas e louvadas, como adiante se verá, por Branca de Gonta Colaço e Luís de Magalhães: *Velhas Trovas*, *Tempo Perdido* e *Garatujas*. São todas de poesia e denunciam um cultor do lirismo senti-

mental que caracterizou o espírito dessa terceira geração romântica que se afirmou, no Porto, nas últimas décadas do século, e à qual pertenceram, além dele, os poetas António Nobre, Alberto de Oliveira, Joaquim de Araújo, Eduardo Coimbra, Hamílton de Araújo, Oliveira Macedo, Augusto de Mesquita, Ernesto Pires e muitos outros que, como quase todos os mencionados, tiveram uma curta e infeliz existência, contrastando com o seu elevado talento literário.

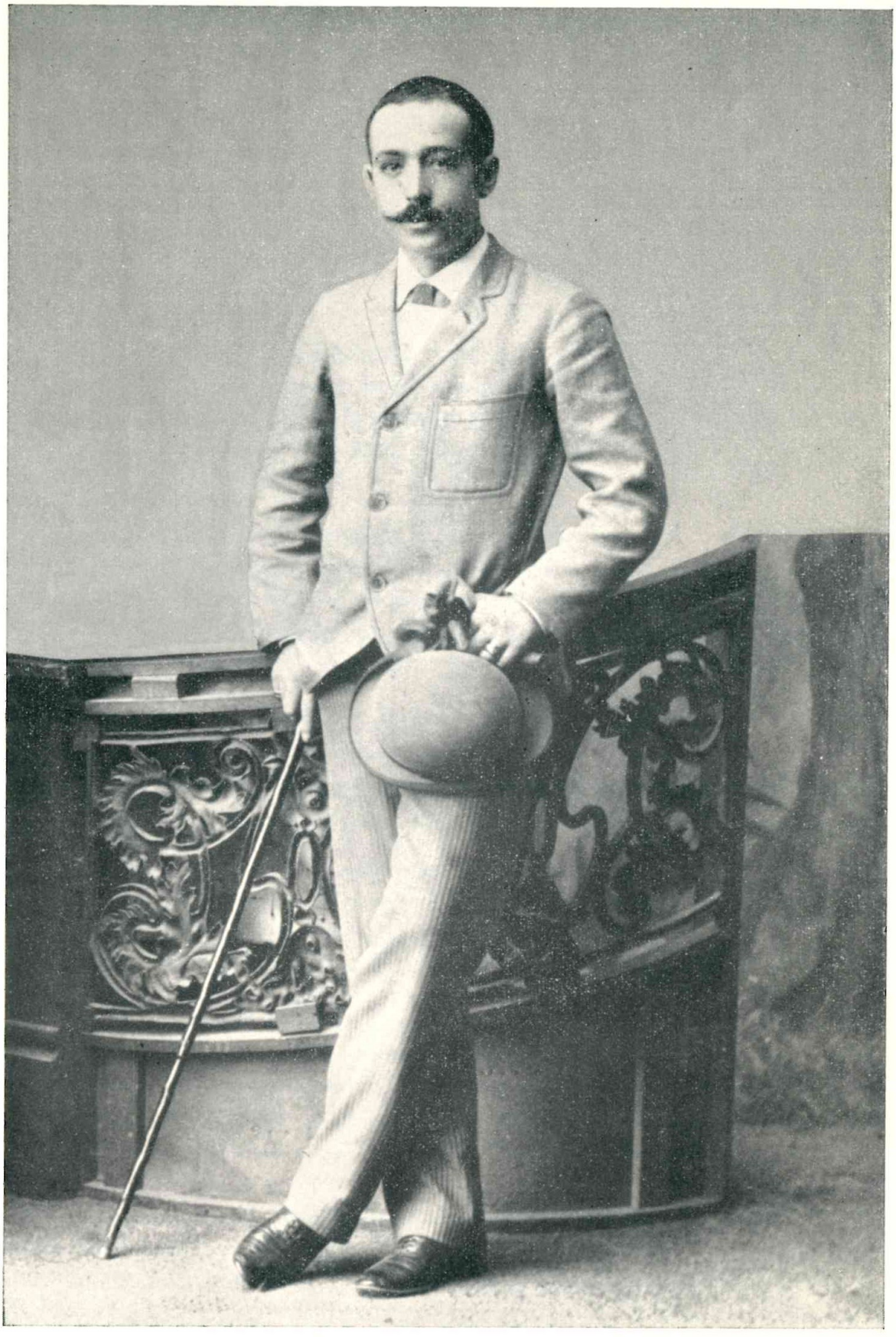
Ao diligenciar encontrar, acerca do mais notável de todos eles, António Nobre, alguns novos elementos biográficos e bibliográficos na Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, — diligências que efectuei recentemente —, acharam-se no seu espólio dois álbuns literários que verifiquei terem pertencido precisamente ao poeta Joaquim de Lemos. Depois de atentamente os folhear, foi-me grato concluir que ambos se revestiam de muito interesse, sobretudo o segundo, o mais volumoso, no qual deparei com uma dúzia de curiosas cartas de grandes figuras das letras nacionais, — cartas inéditas versando assuntos literários —, e algumas composições poéticas de vários autores.

Primeiro Álbum

É o menos volumoso e o mais incompletamente preenchido, isto é, muitas das suas doiradas folhas ficaram isentas de contéudo, apesar de se compreender que ele era destinado não só a receber produções em verso mas também em prosa e desenhos artísticos. A palavra «Poesie», gravada a letras de oiro na capa, dá a entender que o pequeno Álbum foi adquirido em França ou, então, proveniente desse país e obtido em Portugal. Ostenta a primeira folha uma fotografia do poeta, com um ar ainda bem juvenil, e, por baixo dela, o seu nome completo, escrito numa fina caligrafia: Joaquim Baptista Alves de Lemos. E seguem-se imediatamente várias poesias subscritas por Ernesto Pires, Gervásio de Araújo, Augusto de Mesquita *(Gusanto)*, Amâncio do Amaral (1), Joaquim de Lemos, Joaquim de Almeida Novais *(Júlio Nereu)*, Abel Aníbal de Azevedo, Eduardo Coimbra e Costa Macedo. Aparece mais uma, de António Nobre, intitulada *O Mar*; mas não é senão uma cópia do soneto do mesmo título que vem no seu livro póstumo *Primeiros Versos*.

Quase todas as produções líricas têm a data de 1883. São, portanto, de uma época em que Joaquim de Lemos tinha a linda idade de 18 anos, pois nascera, na freguesia de Cedofeita, em 1865, e sentia aqueles felizes

(1) Um dos pseudónimos de Joaquim de Lemos, segundo Paulo Freire (*in* «Poetas Portuenses» — 2.º v., pág. 141).



O poeta portuense JOAQUIM DE LEMOS

arroubos da mocidade em que os sonhos e a poesia ocupam o melhor lugar do coração. Escrever versos e receber os dos novíssimos poetas da sua geração foi um dos seus prazeres predilectos, a ponto de os acolher, carinhosamente, no seu Álbum, onde se distinguem os deste soneto, da autoria de Joaquim de Almeida Novais, que usou o criptónimo literário de *Júlio Nereu:*

LOUCA!

Eu vi-a ajoelhada e soluçante
Numa noute fatal, tempestuosa,
Sobre a gélida campa silenciosa,
Aonde repousava o seu amante.

Havia já perdido a cor brilhante
Da fronte sedutora e radiosa
E não tinha na boca graciosa
A crispação de outrora, deslumbrante.

Era a estátua da Dor! Ali pendida,
Murmurava uma prece enternecida,
Que lhe ditava a alma alanceada...

Mas levanta-se, após, num grande impulso,
E abafa aquele choro tão convulso
Com uma estrepitosa gargalhada!...

Outro formoso soneto é subscrito pelas iniciais E. C., as quais não podem ser senão as de Eduardo Coimbra, o malogrado lírico portuense, desaparecido do mundo com vinte anos sòmente, admirado e homenageado pelo seu íntimo amigo António Nobre, que lhe dedicou, em vida, um soneto, depois recolhido nos *Primeiro Versos,* e, na morte, uma bela elegia incluída no *Só* sob a epígrafe de *Caro data vermibus* — elegia igualmente consagrada à memória doutros dois vates, seus amigos: Oliveira Macedo e António Fogaça.

Cantor de uma tímida Henriqueta, «suave como a luz da madrugada», — como Nobre a definiu poèticamente —, Eduardo Coimbra, autor de valiosas composições reunidas no volume *Dispersos,* inscreveu

numa página do Álbum, com a sua letra miudinha e vertical, a seguinte pequena jóia lírica, exactamente sob o nome de

HENRIQUETA

Tenho andado a buscar, por toda a parte,
Rimas febris, dum fogo imaginário,
P'ra fazer um soneto extraordinário,
Em que pudesse — ó meu amor! — cantar-te.

Andei a procurar com toda a arte,
No azul dos céus, nos astros, — solitário —,
Desci ao vasto mar tumultuário
E nada achei com que poder cantar-te.

Fui aos antros de luz de mil estrelas
Buscar rimas fantásticas e belas,
Vibrantes como notas de clarins:

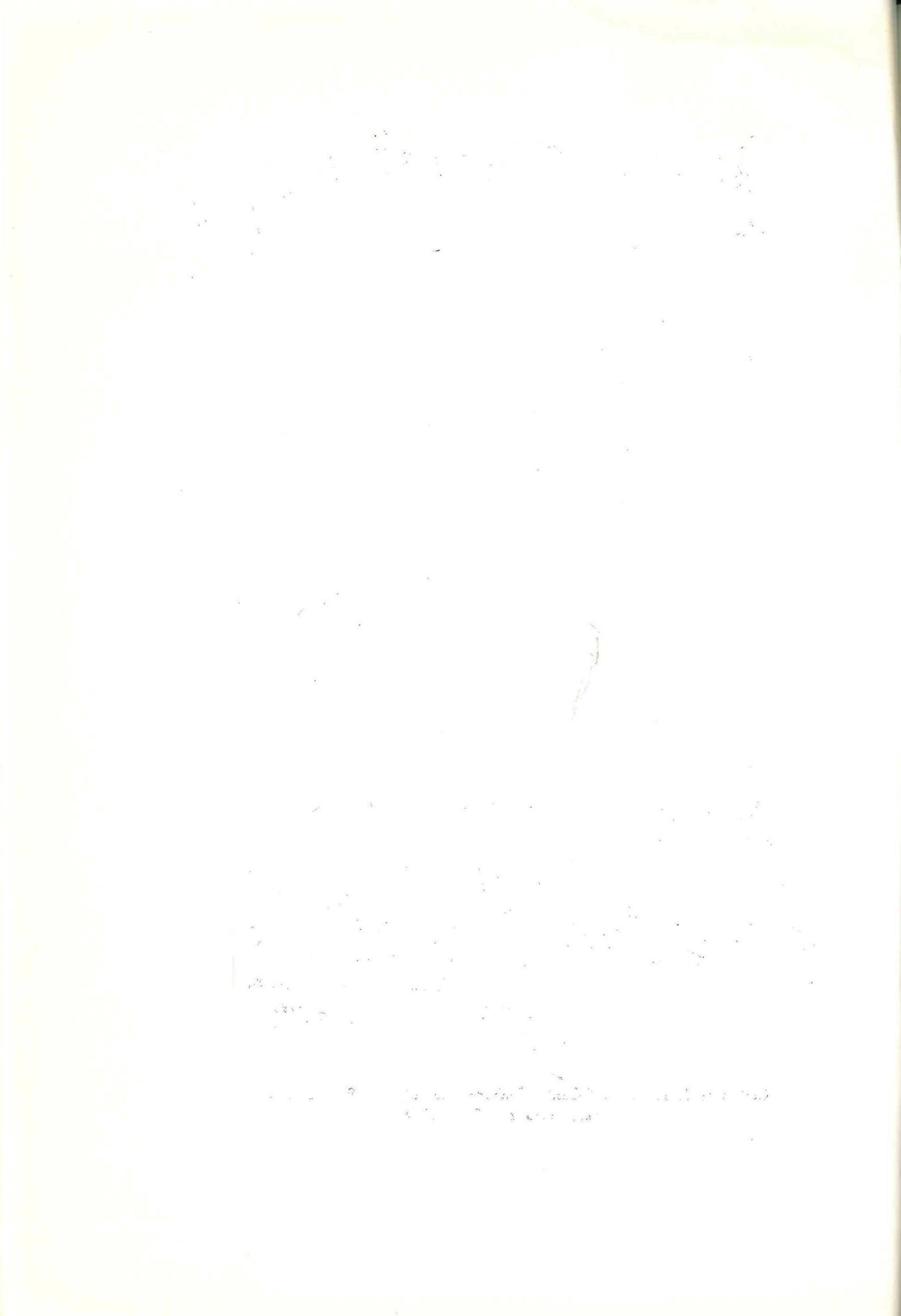
Nada encontrei... O teu olhar magoado
Só pode — ó casto lírio! — ser cantado
Em sonetos de rosas e jasmins...

Tem reduzido interesse a parte artística do Álbum, constituída por três desenhos assinados por A. Azevedo, reproduzindo os vultos dos franceses Littré e Michelet e o do pintor espanhol E. Casanova. Um quarto trabalho artístico é curioso: trata-se de um desenho à pena, feito em 31-7-1883 pelo célebre caricaturista Sebastião Sanhudo, director do semanário humorístico *O Sorvete*, que com ele pretendeu fazer uma «charge» aos líricos do tempo. Pôs-lhe mesmo a designação de «Poeta da geração moderna», que representa como um janota, de cingida sobrecasaca e chapéu alto, pernas esqueléticas e arqueadas, envoltas em calças estreitíssimas, aos quadrados, fina e pequena bengala, monóculo e charuto, na lapela uma grande flor, no rosto magro um ar observador e pessimista...

Segundo Álbum

Tem maior interesse e valor literário o segundo Álbum, embora também não aproveitado totalmente, pois ficaram em branco algumas das suas folhas, doiradas como as do primeiro, ostentando a capa, de desbotado

Caricatura da autoria de Sebastião Sanhudo, que dirigiu no Porto o semanário humorístico «O SORVETE»



veludo carmesim, ornatos da cor do oiro. Adorna-se a primeira folha de um pequeno retrato da rainha Dona Estefânia e esse facto, assim como a data de 1862, aposta nas primeiras poesias transcritas, levam a supor que o Álbum pertenceu, de início, a alguma pessoa da família de Joaquim de Lemos, que vivesse por aquele tempo, ou lhe chegou às mãos por qualquer outra via e desejou aproveitá-lo para nele arquivar cartas que recebera de poetas e escritores distintos e ainda um certo número de composições líricas.

Uma dezena de poesias ocupa as primeiras folhas, datadas, conforme disse, do ano de 1862, e subscritas ora por iniciais (o que impossibilitou a identificação do verdadeiro autor), ora pelos nomes dos que as realizaram. São os de: Guilherme Braga, cuja produção não tem título e apresenta a data de 6-2-1862; Camilo Castelo Branco, cujos versos se distribuem por três estâncias de sete versos cada uma, encimados pela epígrafe *Em frente dum retrato* (2) e datados de 10-2-1862; A. (Arnaldo?) Gama, cuja composição, que já mal se lê e a que deu o nome de *Talis vita, finis ita*, tem a data de 15-2-1862.

Tais poesias não devem ser mais do que cópias, feitas pelo primeiro possuidor do Álbum, das originalmente publicadas, porquanto afigura-se-me que a caligrafia não é a dos seus autores, não merecendo qualquer dúvida a de Camilo, que caligrafava de maneira bem diferente.

Um formoso pensamento, expresso numa formosa imagem, encontra-se também numa das primeiras folhas e assina-o o grande orador que foi Alexandre Braga (Pai). Ei-lo:

«A glória é quase sempre como a luz majestosa do ocaso, que só ilumina o espaço quando o Sol acaba de sumir-se no horizonte.»

A' roda do ano de 1883, Joaquim de Lemos, tal como seu irmão António, pertencia a um brilhante grupo literário de jovens portuenses que, tendo como principal figura António Nobre, se ilustrava ainda com os nomes de Alexandre Braga (filho), Bernardo Lucas, Eduardo de Artayett, José Carlos Lopes, José Pinto de Queirós Magalhães, José Carlos Ehrhardt, Júlio Brandão, Joaquim de Araújo, João Barreira, Eduardo Coimbra, Oliveira Macedo, Augusto de Mesquita, etc.. Os pontos de reunião do grupo verificavam-se no Café «Camanho» e no Palácio de Cristal. Tinha, na imprensa, um órgão que se chamava *Mocidade de Hoje*, fundado por Queirós de Magalhães e J. Carlos Ehrhardt, e do qual foi assíduo colaborador António Nobre, que nele inseriu, entre outras poesias, uma série de sonetos em que retratou alguns dos mais amados companheiros do cenáculo, como ele próprio foi retratado por Eduardo Coimbra.

O pequeno jornal, que começou a ver a luz da publicidade em Março

---

(2) Vem esta poesia no livro de versos de Camilo *Ao anoitecer da vida* (1874).

de 1883, teve vida efémera, como acontece com quase todos os jornais dessa índole, porquanto a sua existência findou em Setembro do mesmo ano.

Nos princípios de 1884, resolveu Joaquim de Lemos, de combinação com outros moços poetas do seu tempo e do seu grupo,—António de Lemos, Augusto de Castro e Joaquim de Novais—, editar uma brochura, inteiramente constituída por sonetos inéditos, e destinada, com a sua venda, a angariar fundos para a Sociedade Filantrópica Académica do Porto. Tratou, para isso, de obter a colaboração de jovens literatos da época e de diversas individualidades já em destaque no meio literário português, como João de Deus, Antero de Quental, Gomes Leal, Luís de Magalhães e outros. Com esse fim escreveu-lhes e teve a feliz ideia de arquivar algumas das respostas recebidas. João de Deus manifestou a melhor vontade, mas, assoberbado com trabalho, não pôde enviar qualquer produção inédita. Assim se justificou:

Ex.mo Sr.

É-me impossivel satisfazer o desejo de V. Ex.ª e o meu proprio, absorvido como estou em trabalhos. Lembra-me o soneto da Vida *como aproveitavel e que o Joaquim de Araujo sabe melhor do que eu, ou senão o que offereci á Sr.ª (?) de Vasconcellos e que elle tambem sabe, mas pedia a prova para rever. Pedindo mil desculpas, sou*

De V. Ex.ª
M.to V.or e obg.mo

Lx.ª 26-3-84

João de Deus.

Antero de Quental anuiu ao convite e enviou o soneto pedido. Mas, parecendo-lhe que não o tinha transmitido correctamente, escreveu da sua casa de Vila do Conde a seguinte carta:

Vila do Conde, 30 de Março

Ex.mo Snr.

O soneto, que lhe mandei, embora feito ha ja annos, não foi ainda publicado.

O 2.º quarteto (q. me parece transmiti erradamente, por ser de memoria) é assim:

Por ti é que a poeira movediça
De astros e sóes e mundos permanece;
E é por ti que a Virtude prevalece,
E a flor do Heroismo medra e viça.

Sou, com consideração,

De V.ª Ex.ª
C.do obg.do

A. de Quental.

O belo soneto é o de título *Hino à Razão*, que deste modo principia:

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre, só a ti submissa.

A intenção meritória de Joaquim de Lemos, ao pretender o concurso dalguns líricos portugueses para a sua obra de beneficência, ressalta nìtidamente da carta que o poeta Luís Guimarães lhe remeteu de Lisboa, manifestando-lhe a impossibilidade, sobretudo por carência de tempo, de mandar qualquer produção da sua lavra. É a seguinte:

Lisboa, 31 de Março.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Só hoje, regressando de um pequeno passeio á Hespanha, é que tive occasião de ler a carta que V. Ex.ª me dirigiu, com data de 29 do corrente.

Sinto profundamente não poder satisfazer o pedido de V. Ex.ª. Não tenho um só soneto inedito, nem tempo, nem tranquillidade de espirito para escrever algum até amanhã.

Creia V. Ex.ª que muito me penalisa não poder concorrer com

meu obscuro nome litterario a favor de obra tão altamente meritoria, e com a sincera expressão do meu pesar, queira V. Ex.ª receber os protestos de estima e consideração com que me subscrevo,

De V. Ex.ª
att.mo servo e v.or

Luiz Guimarães.

Não poderia deixar Joaquim de Lemos de solicitar a cooperação do seu querido amigo António Nobre, nem este de corresponder ao apelo do amigo portuense, tão dedicado às musas e tentando levar a efeito uma obra que lhe mereceria inteira simpatia. Acorreu, pois, ao apelo e tão generosamente, por forma tão magnânima, que não se contentou em participar na obra individualmente: conseguiu ainda a colaboração doutros poetas, certamente lisbonenses, que considerava poetas *nobres*, dignos, portanto, de figurar na galeria admirável de líricos com que sonhara Joaquim de Lemos.

É curiosíssima a carta que a este enviou de Lisboa, onde transitòriamente se encontrava, António Nobre, ainda então um jovem de 17 anos, mas já marcando a originalidade da sua pessoa e manifestando a sua singular personalidade em factos de pormenor, como o do papel de carta, de modelo especial, ostentando, no canto superior esquerdo, uma grande letra vermelha, em relevo, ilustrada com um finíssimo desenho circundante, — um *A* (a inicial de António), que, mais do que um monograma ou uma letra capitular, sugere marca de nobreza ou brasão de gentil-homem. Impõe-se o conteúdo, principalmente, pela transcrição do lindo soneto com que desejou contribuir para a obra a que metera ombros o seu jovem amigo do Porto, generosamente secundado por outros companheiros:

Lisboa /5/4/84

Lemos:

Depois de ter escripto o bilhete postal, recebi uma carta do João de Deus, que me dizia estar compromettido contigo por não ter sonetos ineditos e que transcrevesses o da «Vida»:— Foi-se-me pouco a pouco amortecendo, etc.

Incluso te mando sonetos de poetas nobres.

Quero ver as provas de todos, irremediavelmente.
Parto, segunda, p.ª Coimbra e d'ahi p.ª o Porto.

O teu am.º
Antonio Nobre

In amore vita

Iamos sós pela floresta amiga
Onde em perfumes o luar se evola,
Olhando o céu, modesta rapariga!
Como as creanças ao sahir da escola...

Subia ao céu a minha crença antiga
Na tua voz tristissima de rola...
E é elle agora que piedoso abriga
Minha alma—o cofre em que lançaste esmola!

A lua errante que pratea os montes,
Repetindo nos largos horisontes
Do mar choroso a lugubre cantiga,

Viu-nos ambos — que ideal sagrado!
Eu, compondo estes versos, lirio amado,
E tu, sonhando na floresta amiga!

Antonio Nobre

Chego de comboyo, de dia.
Vejo as provas quarta feira de manhã, em minha casa. Apparece.

N. B. Recebi, agora, uma carta tua, depois de concluida esta. Fallaremos no Porto. Não tenho tempo p.ª divagações. O meu soneto vae escripto dentro. Não tenho coisa melhor (3).

O teu

6/4/84

Ant. N.

---

(3) Apareceu este soneto com outro título: em vez de *In amore vita*, saiu com o de *Siamo Fratelli*. Contudo, Nobre remodelou-o quase totalmente e incluiu-o no *Só* sem qualquer epígrafe.

Outro colaborador solicitado foi o poeta portuense Ernesto Pires, fervoroso admirador de Camões, a quem consagrou várias obras, e festejado autor das *Cintilações* e *Sombras*. Elogiou-o Vítor Hugo numa carta, a propósito do seu livro *As Canções da Canalha*. Foi certamente a uma dessas *Canções* que Ernesto Pires aludiu no cartão endereçado a Joaquim de Lemos para o informar da sua decisão quanto ao que lhe fora pedido:

2 de Abril de
1884.

Ex.mo Snr.

Recebi hontem o seu honroso bilhete postal. Eu enviei ao meu bom amigo, ha já dias, (pelo) *Gervasio d'Araujo, uma canção para o jornal de v. exc.ª. Como elle é muito esquecido, é provavel que lh'a não haja entregado. Em todo o caso, visto o empenho que v. exc.ª mostra porque lhe mande um soneto, — elle ahi vae. Pertence a uma collecção inedita que com sacrificio trunco antes de publicada em volume.*

O soneto é lyrico, porque não sei a indole do seu jornal que espero me enviará para Villar do Senhor, Correio de Mattosinhos.

De v. exc.ª
m.to att.o v.dor
Ernesto Pires.

Em Abril de 1884, impresso na Tipografia de António H. Morgado, à Rua dos Voluntários da Rainha, saía o pequeno volume de versos organizado por Joaquim de Lemos e intitulado *Um Bouquet de Sonetos*. Constituiam-no, de facto, 26 sonetos de outros tantos poetas líricos do Porto, Coimbra e Lisboa, mas sobretudo do Porto, conforme se depreende do exame da colectânea, de muito modesta apresentação gráfica. Eis a relação das composições e seus autores:

Luz de Alma, de Adolfo Artayett;
Hino à Razão, de Antero de Quental;
Maré, de António de Lemos;
Siamo Fratelli, de António Nobre;
Morta, de Augusto de Castro;
Vendido, de Augusto de Mesquita;
A Vida, de Augusto de Queirós;
Só luz, de Aureliano Cirne;

ANTÓNIO NOBRE, ao tempo em que colaborou em
«UM BOUQUET DE SONETOS»

Lira Fúnebre, de Bernardo Lucas;
Desprezada, de Eduardo Coimbra;
Veneza, de Costa Macedo;
Ciúme, de Ernesto Pires;
Aparição, de F. Pessanha;
Visão de Ópio, de Gomes Leal;
Novo Templo, de H. de Araújo;
Soneto, de Henrique Marinho;
Chinoiseries, de Inácio da Silva;
A Avó, de João Novais;
Vita Nuova, de Joaquim de Lemos;
Desalento, de Joaquim Novais;
A Tua Mão, de J. Leite de Vasconcelos;
Marinha, de Luís de Magalhães;
Versos a uma Artista, de Macedo Papança;
Conforto, de Pinto Bastos Júnior;
A Minha Estrela, de Teixeira Bastos;
A Alma Doente, de Xavier de Carvalho.

O ramalhete de poesias,—ofertado pelos quatro jovens editores, todos certamente estudantes, à Sociedade Filantrópica Académica do Porto, assim como à Escola Médico-Cirúrgica, à Academia Politécnica e ao Liceu Nacional do Porto—, foi acolhido com simpatia e agrado geral, destacando-se, entre os que o louvaram, o jornalista e escritor Sampaio Bruno que no seu diário *A Discussão* publicou, sobre ele, largo artigo de crítica (n.º 122, de 27-4-84). Quando, muitos anos decorridos, em 1902, prefaciou o volume *Despedidas*, de António Nobre, escreveu o mesmo jornalista estas palavras de evocação que, principalmente pelo que diz respeito ao poeta do *Só*, não deixam de ter a mais completa actualidade:

«Concorrendo num efeito de beneficência, aparecera no Porto um volumezinho de versos, colaborado principalmente por académicos, sob o título genérico e designativo de *Um Bouquet de Sonetos*. Eu lera as composições contidas na simpática colecção e prestei preferente cuidado àquelas que a novos, sem notoriedade ainda, pertenciam. Entre essas, primacialmente sobressaía o soneto de António Nobre, nome que eu havia notado já, por subscrever, em revistas literárias de colegiais, infantilidades onde perpassava uma réstea de fulgor divino. Fundara, por esse tempo, um diário de propaganda política *A Discussão*; na secção literária da folha estampei um artigo longo acerca do opúsculo que me atraíra o reparo; Gomes Leal replicou-me, com motivo de algumas afirmativas minhas, concernentemente à forma e à essência do género artístico. E no modesto estudo com que momentâneamente quebrei a monotonia acre das acerbas recriminações partidárias, indiquei o nome do jovem poeta,

como o de alguém que tinha personalidade e viria a ser muito. Veio, na verdade, a ser muito: tão fino, cândidamente malicioso, doce, ingénuo era seu temperamento; tão sincera sua tristeza; tão moderno seu gosto; tão nacionalista seu sentir, na pátria e na família; tão sugestiva sua imaginação, ardorosa e melancólica!»

* * *

Outras cartas existem no Álbum de Joaquim de Lemos. É uma delas assinada pelo Conde de Sabugosa, convidado a dar o seu contributo literário, não para a mesma publicação, editada por Joaquim de Lemos e seus companheiros, mas para qualquer outra, posterior, pois que a data da carta é a de 16 de Setembro. Não indica esta o ano, mas é provável que tivesse sido o mesmo de 1884.

Nada pôde mandar o Conde de Sabugosa, pela razão de ter recebido com grande atraso o convite para remeter «algum retalho» da sua «farraparia literária», como ele próprio diz, ou versos dos bons tempos da mocidade. Receoso de que se considerasse a sua negativa como manifestação ou prova de atrofia da sua sensibilidade, vítima, como dizia Racine, de «l'irréparable outrage des ans», protesta firmemente o seu vivo e contínuo apreço pela poesia e pelas coisas literárias, que sòmente as suas ocupações não permitiam cultivar como ìntimamente desejava. Eis a carta do fino prosador de *Donas dos tempos idos* e de *Gente de algo:*

Lisboa, 16 de Setembro

Ill.mo Ex.mo Sr.

A carta de V. Ex.ª chegou-me ás mãos com bastante atrazo. Razão esta porque não correspondi logo á amabilidade do seu convite, enviando até 15 algum retalho da minha farraparia litteraria, ou versos do tempo em que eu os fazia.

Não vá V. Ex.ª imaginar por esta ultima phrase que eu venho de 34 (4), e que a edade atrophiou em mim o prazer agudo de me occupar de cousas litterarias, ainda que como simples leigo.

(4) Lapso, certamente, do autor, que quereria escrever 54, pois foi no ano de 1854 que nasceu.

Sómente as occupações actuaes prohibem-me, talvez definitivamente

Jongler dans un sonnet avec des rimes d'or,

passatempo que, apesar de ter passado de moda com a geração que nos antecedeu, tem ainda encantos sempre novos para quem o executa e para quem o sabe ouvir.

Sou de V. Ex.ª
att.º v.or obg.do

Conde de Sabugosa.

O entusiasmo patriótico, provocado pela passagem do terceiro centenário da morte de Camões, levou muitos poetas do tempo a exaltar, sob as mais diversas formas, a figura, a obra e o génio do Épico imortal. A efeméride foi motivo de exuberante produção lírica e Joaquim de Lemos foi um dos que empunharam a lira para homenagear o grande Cantor das glórias pátrias. Publicou, depois, os seus versos com o apropriado nome de *Camoniana*, e não deixou de os ofertar a várias personalidades, entre elas Gomes Leal, que distinguiu sobretudo os sonetos, elogiando-os especialmente em carta que dirigiu ao autor para lhos agradecer. Não só para isso: também para se escusar a escrever o prólogo de outro livro de Joaquim de Lemos, por motivo de excessivo trabalho, e para pedir a sua intervenção junto de um editor portuense, Alcino Aranha, a fim de levar este a interessar-se pela edição de uma obra que já escrevera, os *Niilistas*, e que, creio, nunca chegou a ser publicada.

Não tem a carta indicação de local e data, mas presumo que devia ter sido escrita em Lisboa, e em 1884, em face destas palavras do contexto da epístola: «... o meu editor empenha-se em que o *Anti-Christo* saia ainda este mês». Ora é precisamente do ano de 1884 a 1.ª edição dessa obra de Gomes Leal. Mas leia-se a missiva do inspirado autor das *Claridades do Sul*:

Ex.mo Am.º

Só hoje posso responder ás suas cartas, pois tenho estado fóra de casa, na quinta d'um amigo. Recebi a sua Camoneana *que agradeço muito, parecendo-me os sonetos dos melhores do meu amigo, principalmente os que se intitulam* Poema e Noutes de Macau. *A edição é muito bonita, e peço-lhe o favor de me mandar dizer se a edição é do Alcino Aranha. Pede-me o prologo do seu livro com*

brevidade, e isso vem em má ocasião, porque estou muito atarefado, pois que o meu editor empenha-se em que o **Anti-Christo** *saia ainda este mez. O meu amigo já tem editor, e o livro deve sair com muita brevidade?...*

Se acaso conhece o Alcino Aranha, pedia-lhe o favor de lhe fallar em elle fazer uma edição d'uma obra minha, os Nihilistas. *Diga-lhe que é cousa para* sensação. *O livro deve ter perto de trezentas paginas, ou duzentas e outenta e tantas. Se elle quizer, entraremos em pormenores. O que pedia ao meu amigo* (era) *que não communicasse isto a mais ninguem senão a elle mesmo, e o que elle lhe disser egualmente, pois eu gosto das obras de surpreza, e aborrece-me bem quando vejo locaes sobre o* **Anti-Christo**, *antes d'elle sair. Tenho sempre medo que me appliquem o titulo d'uma fabula de Phedro:—* **mons parturiens.**

Sempre de V. Ex.ª
Am.º e Adm.dor Obg.do

G. Leal .

Outra carta de António Nobre se arquivou no Álbum, mas não dirigida a Joaquim de Lemos. Esta, escreveu-a o autor do *Só* a outro dos seus amigos portuenses, Adolfo de Artayett, poeta e irmão do conhecidíssimo Eduardo de Artayett, que deixou fama na boémia literária do Porto. Tendo-lhe ela chegado às mãos possìvelmente por intermédio de sua mulher, que era irmã dos citados Artayetts, Joaquim de Lemos guardou-a e colocou-a no Álbum juntamente com o respectivo sobrescrito, por onde se vê que, conforme escreveu Nobre com a sua letra hirta e de um negro retinto, Adolfo Artayett residia no Largo de Santo António do Bonjardim. É uma carta de Agosto de 1887 e, portanto, dum tempo em que o Poeta já andava nos seus vinte anos de idade. Refere-se nela a um atestado médico, de que teve necessidade para justificar umas faltas dadas no liceu. O assunto aborreceu-o, sobretudo pela exigência do pagamento de duas libras por «um pequeno exame» clínico — libras que pedia ao amigo entregasse... «envellopadas». Atente-se no engraçado francesismo e no pequeno dissabor de Nobre, que, infelizmente, os haveria de ter, na vida, em grande número e bem maiores:

Bom amigo:
Leça, 27/8/87.

Rapidamente, lhe vou pedir um obsequio mais.
Os medicos examinaram-me, hontem, e, após um pequeno

exame, mandaram-me embora, dizendo que o atestado iria directamente d'alli em carta fechada dirigida ao Reitor. Além d'este dissabor tive a enorme surpreza de me pedirem duas libras, levando eu só uma.

Creio que os médicos dirão bem, contudo eu peço-lhe a fineza de entregar as libras **envellopadas** *a qualquer dos dois que me inspeccionaram, para ter a occasião de lhes preguntar o que se lhes offerece* (dizer) *a meu respeito, pedindo-lhes que mandem entregar urgentemente o attestado ao Lyceu. Lembra-lhes que foi no dia 22 e 23 que faltei?*

Peço-lhe mil desculpas.

Accostumei-me aos seus obsequios.... e agora...

O seu do C.

Antonio Nobre.

Espero carta sua.

Alberto de Oliveira representa-se também no Álbum com duas cartas, ou melhor, um cartão destinado a «Petite Correspondance», como se lê no ângulo superior esquerdo, e uma extensa epístola: o primeiro, enviado directamente de Matosinhos a Joaquim de Lemos; a segunda, remetida de Paris a Adolfo de Artayett, em Setembro de 1892. Reza assim o cartão:

Meu caro Joaquim de Lemos:

Não tenho ido ao Porto, por passar alguma coisa incomodado. Como talvez ainda ahi não vá esta semana, e já me demorei demais no cumprimento do meu dever, aproveito este meio para o cumprir.

Desculpe V. a involuntaria demora, e mande no

Seu Amigo

Alberto de Oliveira

S. C. Mattosinhos
2. Juncal de Cima
Quarta-feira.

O lacónico cartão nada nos diz, nem nos leva a fazer qualquer suposição, acerca do *dever* que Alberto de Oliveira demorou a cumprir. O laconismo desapareceu, contudo, na carta seguinte, em que o autor se espraiou em notícias da sua estadia na capital francesa, onde residiu num pequeno quarto da rua des Écoles, n.º 41,—no mesmo prédio onde também habitava António Nobre, então aluno do curso de Direito na Sorbonne. De notar a sua alusão a certo número dos *Gatos*, (5) em que Fialho «desancou» os nefelibatas,—número que achou «muito mal feito»—, e um gracioso convite para Artayett assistir consigo, na Ópera de Paris, à representação do *Lohengrin* com «orquestra assombrosa, bailados únicos, mise-en-scène incomparável». Convite amável mas, evidentemente, de impossível aceitação...

Meu caro Adolpho:

Paris
28 Set. 1892
Quarta-feira

Recebi a sua carta. Visto o Fonseca não querer, vamos a ver se aqui arranjo alguma coisa, ao menos 100.000 reis, de que preciso urgentemente. Se a V. ou ao Barreira (6) lembrar algum outro expediente mais susceptivel de exito, digam-mo.

Desculpe a minha impaciencia, mas eu estava ancioso por uma solução. Obrigado pelo seu cuidado, e pela massada que se deu.

Recebi hoje tambem os ultimos «Gatos». Muito mal feitos. Agora que desancou os nephelibatas, vamos a ver o que elle diz de Nós (com N grande). Peço-lhe com muito empenho que se não esqueça de me enviar o proximo numero, logo que elle saia.

Diga ao Eduardo que ando ha uns poucos de dias para lhe escrever uma longa carta, mas que ultimamente tenho tido uma vida absorvente, porque, com o fim do verão, começa em Paris a epoca dos theatros e dos prazeres. Esta semana espero cumprir a promessa.

Parto para Portugal no fim de Outubro, como lhe disse. Vou por Madrid, onde assistirei ás festas colombianas. Talvez vá tambem á Andaluzia, se o tempo estiver bonito.

E a sua these? (7) Irei a tempo de assistir a ella? Espero bem que sim.

Quer V. (ao menos hoje) recolher ao 722, Bom-Jardim (8),

---

(5) De 21 de Setembro de 1892 (6.º vol.).

(6) Deve tratar-se de João Barreira, que veio a ser notável escritor e crítico de arte, contemporâneo e amigo de Alberto de Oliveira, António Nobre, etc..

(7) Adolfo de Artayett formou-se em Medicina, em 1892. Foi director do Hospital Militar do Porto.

(8) Nova residência de Adolfo de Artayett, no Porto.

— Soneto —

(Versos a uma Artista)

Senhora, ao entregar nas suas mãos de neve
O meu pequeno livro, eu julgo que lhe entrego
O triste coração que ás aguas do Mondego
Um dia foi lançar as joias que conteve;

Se assim é, quando o ler, minha Senhora, deve,
Pertindo-o d'esse olhar que muitas vezes chego
Ao sentil-o, a julgar-me allucinado e cego,
Pensar no coração que a palpitar lhe escreve.

Acceite-o; não recuse ao pobre visionario
O ouvir-lhe a rude voz no lucido sanctuario
Que encerra a graça ideal da sua gentileza...

Se a Arte tambem tem seus reis e seus vassallos,
Estes versos são meus, não pode recusal-os
A mim subdito que ajoelha aos pés de Vossa Alteza.

Macedo Papança (Visconde de Monsaraz)

Versos do CONDE DE MONSARAZ incluídos em «UM BOUQUET DE SONETOS»

algumas horas mais tarde, e vir comigo á Opera? Vamos, decida-se. Olhe, hoje vae o **Lohengrin.** *Aqui tenho, em cima de minha meza, o libretto em maus versos francezes, e uma senha de parterre. Arranja-se outra. Quer?*

Ha orchestra assombrosa, bailados unicos, mise-en-scène incomparavel. Decide-se a passar sem o chá com torradas? Em troca de tudo isto? Ah não decida, não, que tem razão. Sou eu, aqui do meu quartinho do 41 rue des Écoles, por esta manhã de outomno chuvisquento, eu o Alberto da Rua da Torrinha, ainda por vestir (é quasi meio-dia), eu, em camisa de noite cor de papoilas, sou eu quem lhe tem inveja.

Quem me dera um partido medico no Alem-Tejo!

Adeus, Adolpho. Saudades do Antonio (9) *e minhas. Muitas para o Eduardo* (10)*, tambem. Lembre-me ao seu Lar.*

Abraça-o o seu amigo

Alberto.

Mais quatro testemunhos, existente no Álbum, ficaram a abonar o merecimento literário de Joaquim de Lemos, que manifestou especial predilecção pelo cultivo da Poesia e, dentro desta, particular preferência pelo género do Soneto, posto muito em voga no seu tempo. São esses testemunhos os de José Teixeira Lopes, Albertina Paraíso, Luís de Magalhães e Branca de Gonta Colaço: rápidos e simples, mas expressivos, os dois primeiros; mais demorados e, por isso, mais completos os dois últimos.

O arquitecto José Teixeira Lopes, irmão do grande escultor que teve os mesmos apelidos, exprimiu-se da seguinte maneira, numa breve carta, escrita em papel timbrado:

JOSÉ TEIXEIRA LOPES
Arquitecto
Praça da Batalha, 91 e 92
Porto

18-Maio. 1904

Meu Caro Amigo

Muitissimo agradecido pelo seu livro que me tem deliciado

(9) António Nobre.
(10) Eduardo de Artayett.

algumas horas. É mais uma prova d'amizade que vou registrar, pedindo-lhe para acreditar na minha dedicação. Muitissimo reconhecido.

Seu amigo obrigado

José Teixeira Lopes.

A conhecida poetisa e jornalista Albertina Paraíso, natural do Porto, na ocasião directora do *Jornal da Mulher*, escreveu num bilhete postal, remetido de Lisboa, em Outubro de 1909:

Ex.mo Snr. Lemos:

Mais mil agradecimentos. O soneto sahirá no jornal do dia 20 com o seu retrato e mandarei a prova assim como da chronica—m.to interessante.

Agora é que no Porto se começa a saber que o jornal existe — graças á sua paciencia e bondade p.a aturar maçadas destas.

M.to obrigada pelos jornaes e por tudo se confessa

Sempre gratissima

Alb.a Paraizo.

Da Costa Nova, onde passava as suas férias, enviou Luís de Magalhães, em Agosto de 1916, as suas impressões sobre o livro *Garatujas*, que lhe oferecera Joaquim de Lemos, e foi com palavras elegantes que lhas comunicou, salientando determinada nota poética, surpreendida na obra: «um certo humorismo lírico, de tom heinesco, onde a emoção e a graça se fundem harmònicamente». Esse humorismo e esse tom heinesco encontram-se em composições de Gonçalves Crespo e António Fogaça e não custa admitir que Lemos tivesse gostosamente acolhido influências ou sugestões desse género e por essa via. Mas oiçamos as exaltantes palavras do finíssimo espírito que foi Luís de Magalhães, escritas em caracteres bem firmes e originalmente traçados:

Aveiro. Costa Nova
1916 . Agosto . 17

Meu Ex.mo e presado Amigo

As suas Garatujas *parecem-me antes um fino cursivo facil e elegantemente lançado. Trouxe-as para aqui com outros livros, para*

os meus ocios de leitura, que são maiores n'este obscuro recanto da nossa Costa. E, ante-hontem, saboreei-as condignamente. Logo de entrada, o soneto **Crudelis Vita** *e os* **Versos ao relogio** *me deram uma bella impressão de poesia e d'arte. E, a seguir,* **As Mascaras, Os Mortos, O Moinho, A Lavadeira, Dinheiro, Pecados Mortaes Et semper,** *confirmavam-m'a plenamente. A sua melhor nota é a de um certo humorismo lyrico, de tom heinesco, onde a emoção e a graça se fundem harmonicamente.*

Felicito-o, meu presado Amigo, por esta sua nova produção e agradeço-lhe m.to reconhecido a amabilidade de sua gentilissima offerta.

Creia-me sempre, com m.ta sympatia e velha estima,

Am.o d.o ad.or e m.to obg.do

Luiz de Magalhães.

Não foram menos laudatórias as expressões que Branca de Gonta Colaço dirigiu ao lírico portuense, ao agradecer-lhe a oferta de três livros de versos. A ilustre filha de Tomás Ribeiro, — cuja distinção pessoal e musicalíssima voz tive ainda a fortuna de conhecer e ouvir numa conferência inesquecível que realizou no Porto, em 1923, — destacou-lhes a inspiração, o sentimento e, como o fizera Luís de Magalhães, salientou certa nota humorística, dada pelo poeta incisivamente e com muita felicidade. Eis as suas palavras:

Rocha do Conde d'Obidos, 1 r/c
Lisbôa, 30 Janeiro 1917.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Joaquim de Lemos

Devido aos mil afazêres e complicações em que a minha vida anda constantemente prêsa, só agora, tão tarde e a tão más horas, venho agradecer a V. Ex.a a offerta, que tanto me desvaneceu e penhorou, dos seus bellos livros de versos: — « Velhas Trovas », « Tempo Perdido » e « Garatujas ».

Sem pretender arrogar-me foros de critico, é-me no entanto muito grato dizer-lhe o prazer que me causou a sua leitura, já pela inspiração e pelo sentimento que nas suas páginas transparecem, já

pela permanente evolução do seu espirito para a Perfeição, evolução que se accentua tanto nas «Velhas Trovas» como no «Tempo Perdido», como ainda nas «Garatujas». A forma incisiva e espirituosa por que V Ex.ª fere a nota humoristica, revela uma das mais brilhantes modalidades do seu talento, e é sempre muito feliz.

Reitero, com as minhas desculpas pelo atrazo, os meus mais sinceros e vivos agradecimentos pela sua gentileza, e sou com a maior consideração e estima

De V. Ex.ª

M.to Att.ª V.ra e Adm.ª Obg.ma

Branca de Gonta Colaço.

Outras cartas não contém o Álbum. Mas inclui ainda algumas breves composições líricas assinadas por Augusto de Mesquita, Eduardo da Mota Coelho, Raúl de Sampaio, Ernesto Viana, Joaquim de Lemos e Macedo Papança (Visconde de Monsaraz). Nem todas se caracterizam por um específico interesse: tem um vulgar sabor romântico a maior parte.

A poesia de Joaquim de Lemos é um soneto, bem desenhado, pleno de sentimento, de expressão simples e natural, mas com uma certa frouxidão no último terceto. O poeta possui melhor amostra do seu estro; no entanto, transcreve-se a que ele quis guardar neste seu Álbum, sob o título de *Noivado*, certamente por exprimir uma íntima recordação ou por lhe tocar o assunto, dalguma forma, no mais fundo da sua alma...

Quando acabou a cerimonia, então,
o noivo olhando a noiva radiosa
uniu-a muito e muito ao coração
e segredou-lhe:—Como vaes formosa!

Ella, ao ouvi-lo, tremula e anciosa,
só respondeu:—Bendita a occasião
em que nos conhecemos!—
Pressurosa,
corria a vel-os toda a multidão.

Embriaga-os a ventura. O amor flameja
dos dois noivos nos limpidos semblantes.
E no entretanto ha lagrymas na egreja.

Gemem soluços nos degraus do altar,
saudosos, doridos, penetrantes!...
São as Mães d'elles, a chorar... chorar... (11)

Na sua carta de 5 de Abril de 1884, endereçada de Lisboa a Joaquim de Lemos, enviou António Nobre sonetos de «vários poetas nobres», para serem incluídos na colecção que fora editada com o altruísta objectivo que deixei assinalado. Seguramente, um dos sonetos enviados foi o de Macedo Papança, que nela saiu, conforme já foi dito, com o título de *Versos a uma Artista*, — magnífica produção, cujo autógrafo merecia, na realidade, ser religiosamente arquivado. É outra jóia do Álbum, e o seu intrínseco brilho não é diminuido, de maneira nenhuma, pelas consequências da passagem do tempo sobre o papel, — já amarelecido e algo manchado —, em que o distinto lapidário da forma e parnasiano de polpa lançou, com perfeita simetria, os catorze versos da artística composição. Eis a sua reprodução textual:

— Soneto —

(Versos a uma Artista)

Senhora, ao entregar nas suas mãos de neve
O meu pequeno livro, eu julgo que lhe entrego
O triste coração que ás águas do Mondego
Um dia foi lançar as joias que conteve;

Se assim é, quando o ler, minha Senhora, deve,
Vestindo-o desse olhar que muitas vezes chego
Ao sentil-o, a julgar-me allucinado e cego,
Pensar no coração que a palpitar lhe escreve.

Acceite-o; não recuse ao pobre visionario
O ouvir-lhe a rude voz no lucido sanctuaria
Que encerra a graça ideal da sua gentilesa...

Se a Arte tambem tem seus reis e seus vassallos,
Estes versos são meus, não pode recusal-os
A um subdito que ajoelha aos pés de Vossa Altesa.

(11) Foi este soneto incluido no livro do autor *Fogos Fátuos*, publicado em 1886.

Sobre a última folha do Álbum depara-se com um desenho aguarelado, representando uma paisagem nórdica em que montanhas, um calmo lago azul e abetos são os elementos essenciais. Foi feito o pequeno trabalho artístico por Sophie Kayser, que o dedicou como lembrança amiga a alguém que não menciona, mas muito provàvelmente seria ao lírico portuense, tanto mais que na mesma folha escreveu em língua alemã uma breve composição de seis versos que bem parece ter-lhe sido dirigida. Reproduz-se inteiramente, a seguir, o que nela se lê:

Sophie Kayser

widmet Dir diese kleine
Malerei sur freundlichen
Erinnerung.
Porto. den 31. Oktober 1896.

Gottesvertrauen!

Wie sich Schicksal auch gestaltet,
Musst auf den lieben Gott vertrauen;
So lang der gute Gott noch waltet,
Darfst mutig Du ins Leben schaun;
Wenn Alles Dich verlässt, vergisst,
Dein Gott, Dein Alles bei Dir ist.

E, agora, a tradução:

Sophie Kayser

Dedica-te esta pequena pintura como
recordação amiga.
Porto, 31 de Outubro de 1896.

Confiança em Deus!

Ainda que o teu pobre destino se vá cumprindo,
Tens de confiar no Deus amado;
Enquanto o bom Deus reinar,

Podes encarar a vida com coragem,
Pois que, embora todos te abandonem e te olvidem,
O teu bom Deus, o teu «Tudo», estará sempre contigo.

Assim se fecha o cofre onde jaziam, ignoradas, algumas simples mas apreciáveis cartas de poetas e escritores ilustres, assim como algumas produções líricas que, sem dúvida, se revestem de significativo valor. Não se poderá, por enquanto, afirmá-lo: mas quem sabe se, pelo menos as cartas, — aqui transcritas e dispostas por ordem cronológica, que me pareceu ser a mais racional e aceitável—, quem sabe se elas não poderão levar alguns esclarecimentos de carácter biográfico ou bibliográfico aos estudiosos das Letras nacionais? Uma coisa elas fornecerão, desde já, a esses estudiosos: um vivo prazer espiritual em comunicar com alguns dos melhores talentos da nossa Literatura, apesar da simplicidade dos assuntos versados. E aquela possível utilidade e este indubitável prazer deveriam constituir motivo bastante para que todos quantos se interessem pelas coisas literárias não deixem de guardar ou arquivar a correspondência de poetas e escritores, seguindo o exemplo do portuense Joaquim de Lemos, que se revelou homem sensível ao que, neste mundo e nesta vida, tem o cunho do poético e do belo.

OUTRAS GRAVURAS

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

Carta de JOÃO DE DEUS

Villa do Conde, 30 de Março

Ex.mo Snr.

O Soneto, que lhe mandei, embora feito ha ja annos, não foi ainda publicado.

O 2º quarteto (q me parece transcrevi erradamente, por ser de memoria) é assim:

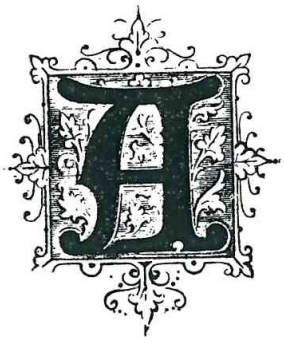
Por ti é que a pseira movediça
De astros e sóes e mundos permanece;
E é por ti que a Virtude prevalece,
E a flor do Heroismo medra e viça.

Sou, com consideração,
De V.a Ex.a
C.o Obg.do

A. de Quental.

Carta de ANTERO DE QUENTAL

Lisboa 15/4/84



Lemos:

Depois de te ter escripto o bilhete postal, recebi uma carta do João de Deus, que me dizia estar compromettido comtigo por não ter sonetos inreditos e que transcrevesses o da "Vida": — Faize-me pouco a pouco amortecendo etc.

Incluso te mando sonetos do poeta nobres.

Quero ver as provas de todos, irremediavelmente.

Porto, segunda, P.ª Coimbra e d'ahi P.ª o Porto.

O teu Am.
António Nobre

Carta de ANTÓNIO NOBRE

(Continua)

In amore vita

—

Vamos sós pela floresta amiga,
Onde em perfumes o luar se evola;
Olhando o céu, modesta rapariga!
Como as creanças ao sahir da escola...

Subia ao céu a minha crença antiga
Na tua voz tristíssima de rola...
E é elle agora que piedoso abriga
Minha alma — o cofre em que lançaste esmola!

A lua ~~[illegible]~~ errante que pratêa os montes,
Repetindo ~~nos~~ largos horisontes
Do mar choroso a lugubre cantiga,

Via-nós ambos — que ideal sagrado!
Eu, compondo estes versos, lírio amado,
E tu, sonhando na floresta amiga!

António Nobre

Chego no comboyo de dia
Vejo os proveos quarta feira de manhã,
em minha casa.

Alfonso

Carta de António Nobre — II

N.B. Recebi, agora, uma carta tua, depois de concluida esta. Falleremos no Porto. Não tenho tempo p.ª divagações.

O meu soneto vae escripto dentro.

Não tenho coisa melhor.

O teu

Antº.

6/4/84

Carta de António Nobre — III

Lisboa 16 de Setembro

Ill.mo Sr. L

A carta de V. Ex.ª chegou-me as mãos com bastante atrazo.

Bazão esta porque não correspondi logo á amabilidade do seu convite, enviando até 15 algum retalho da minha farraparia litteraria, ou verso do tempo em que eu os fazia.

Não vá V. Ex.ª imaginar por esta ultima phrase que eu venho de 34, e que

Carta do CONDE DE SABUGOSA

(Continua)

a edade atrophou em
mim o prazer agudo de me
occupar de cousas litterarias,
ainda que como simples
leigo.

Sómente as occupações actuaes
prohibem-me, talvez defi-
nitivamente

Jongler dans un sonnet avec des rimes d'or.

passatempo que, apesar

de ter passado de moda com
a geração que nos antecedeu,
tem ainda encantos sempre
novos para quem o
executa e para quem o sabe
ouvir.

Sou de V.Ex.ª
Attº Vor. Alg.do

Conde de Sabugosa

Carta do Conde de Sabugosa — II

Ex.mo Am.º

Só hoje posso responder ás suas cartas, pois tenho estado fóra de casa, na quinta d'um amigo. Recebi a sua Camoneana que agradeço muito, parecendo-me os sonetos dos melhores do meu amigo, principalmente os que se intitulam o Poema e as Noutes em Macau. A edição é muito bonita, e peço-lhe o favor de me mandar dizer se a edição é do Alcino Aranha. Pede-me o prologo do seu livro com brevidade, e isso vem em má occasião, porque estou muito atarefado, pois que o meu editor empenha-se em que o Anti-Christo saia ainda este mez. O meu amigo já tem editor, e o livro deve sair com muita brevidade?...
Se acaso conhece o Alcino Aranha pedia-lhe o favor de lhe fallar em elle fazer uma edição d'uma obra minha, os Nihilistas. Diga-lhe que,

Carta de GOMES LEAL a propósito do livro «Camoniana» de Joaquim de Lemos

(Continua)

e causa para sensação. O livro deve ter perto de
trezentas paginas, ou duzentas e oitenta e tantas.
Se elle quizer entraremos em pormenores. O que
pedia ao meu amigo que não communicasse
isto a mais ninguem senão a elle mesmo,
e o que elle lhe dizer egualmente, pois eu gosto
das obras de surpresa, e aborrece-me bem quando
vejo locais sobre o Auto-Christo, antes d'elle sair.
Tenho sempre sido que me appliquem o titulo
d'uma fabula de Phedro: — mons parturiens.

Sempre de V. Ex.ª

Ad.mo e Obr.do Cr.do

G. Leal.

Carta de Gomes Leal a propósito do livro «Camoniana» de Joaquim de Lemos — II

Bom amigo:

Leça, 27/8/87.

Rapidamente, lhe vou pedir um obsequio mais.

Os medicos examinaram-me, hontem, e, após um pequeno exame, mandaram-me embora, dizendo que o attestado iria directamente d'alli em carta fechada dirigida ao Reitor. Além d'este dissabor teve a enorme surpreza de me pedirem duas libras, levando eu só uma.

Creio que os medicos dirão bem, comtudo eu peço-lhe a fineza de entregar as libras envellopadas

Uma carta de ANTÓNIO NOBRE a Adolfo de Artayett

(Continua)

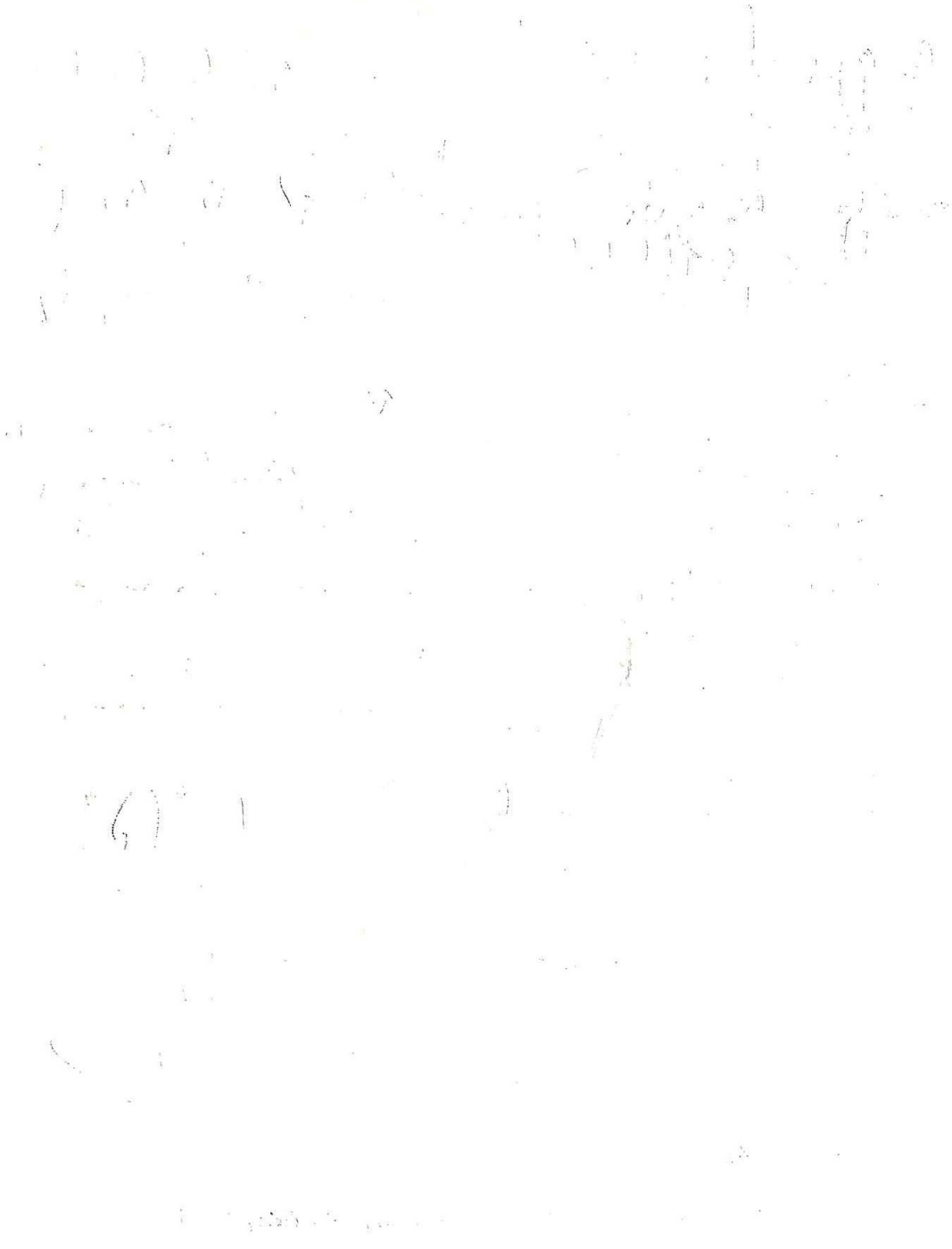
a qualquer dos dois que me
inspeccionaram, para ter occa-
sião de lhes preguntar o que
se lhes offerece a meu respeito,
pedindo-lhes que mandem
entregar urgentemente, ao Lyceu,
o attestado. Lembra-lhes que foi
no dia 22 e 23 que faltei?
Peço-lhe mil desculpas.
Accostumei-me aos seus ob-
sequios... e agora...

O seu do C.

Antonio Nobre

Espero carta sua.

Uma carta de António Nobre a Adolfo de Artayett — II



Petite Correspondance

Meu caro Joaquim de Lemos:

Não tenho ido ao Porto, por passar alguma coisa incommodado. Como talvez ainda ahi não vá esta semana, e já me demorei demais no cumprimento do meu dever, aproveito este meio para o cumprir.

Desculpe V. a involuntaria demora, e mande ao seu Amigo

Alberto de Oliveira.

K. Mattoinhos.
L. Juncal de Lima,
Quarta-feira.

Um cartão de ALBERTO DE OLIVEIRA

Paris
28 Set. 1892
Quarta-feira

Meu caro Adolpho:

Recebi a sua carta. Visto o Fonseca não querer, nada mais a ver se aqui arranjo alguma coisa, ao menos 600 000 reis se for preciso urgentemente. Se a V. ou ao Barreira lembrar algum outro expediente mais suscetivel de exito, digam-m'o.

Desculpe a minha impaciencia, mas estou anciozo por uma solução. Obrigado pelo seu cuidado, e pela massada que lhe dou.

Recebi hoje tambem os ultimos "Gatos". Muito mal feitos. Agora que deixem as nephelibatas, vamos a ver o que elle diz de Nós (com N grande) Peço-lhe com muito empenho que se não esqueça de me enviar o proximo numero, logo que elle saia.

Diga ao Eduardo que ando ha uns poucos de dias para lhe escrever uma longa carta, mas que ultimamente tenho tido uma vida aborrecida, naisque, com o fim dos verões, começa em Paris a epoca dos theatros e dos prazeres. Esta semana espero cumprir a promessa.

Parto para Portugal no fim de Outubro, como lhe disse. Vou por Madrid, onde assistirei ás festas colombinas. Talvez vá tambem a Andaluzia, se o tempo estiver bonito.

Uma carta de ALBERTO DE OLIVEIRA enviada de Paris a Adolfo de Artayett

(Continua)

E a sua these? Irei a tempo de assistir a ella? Espero bem que sim.

Quer V. (ao menos hoje) recolher ao 722, Bom-Jardim algumas horas mais tarde, e vir commigo á Opera? Vamos, decida-se. Olhe, hoje vae o Lohengrin. Aqui tenho, em cima da minha meza, o libretto em maus versos francezes, e uma senha de parterre. Arranja-se outra - Quer?

Ha orchestra assombrosa, bailados unicos, mise-en-scène incomparavel. Decide-se a passar com o chá com Torradas? Em troca de tudo isto?

Ah não decida, não, que tem razão - Por eu aqui do meu quartinho do 41 rue des Écoles, por esta manhã de outomno chuvisquento, eu o Alberto da Rua da Torrinha, ainda por vestir (é quasi meio-dia) eu, em camisa de noite cor de papilas, sou eu quem lhe tem inveja.

Quem me dera um partido medico ao Alem - Tejo!

Adeus, Adolpho. Saudades do Antonio e minhas. Muitas para o Eduardo, tambem. Lembre-me ao seu Lar. Abraça-o o seu amigo

Alberto

Uma carta de Alberto de Oliveira enviada de Paris a Adolfo de Artayett — II

Aveiro: Costa Nova
1916. Agosto. 17

Meu Ex.mo e prezado Amigo

As suas Garatujas parecem-me antes um fino cursino facil e elegantemente lançado. Trouxe-as para aqui com outros livros, para os meus ocios de leitura, que são maiores n'este obscuro recanto de nossa Costa. E, ante hontem, saboreei-as condignamente. Logo de entrada, o soneto Crudelis Vita e os

Carta de LUÍS DE MAGALHÃES sobre o livro «Garatujas» de JOAQUIM DE LEMOS

(Continua)

Versos ao relogio me deram
uma bella impressão de poesia
e d'arte. E, a seguir, As Mas-
ceras, A Morte, O Moinho,
A Lavadeira, Dinheiro, Pecca-
du Mortães, Etc sempre! Con-
firmaram-me plenamente.
A sua melhor nota é a de
um certo harmonismo lyri-
co, de tom heinesco, onde a
emoção e a graça se fundam
harmonicamente.

Felicito-o mais prevendo Amigo,
por estas sua nova producção
e agradeço-lhe mais reconhecendo
a amabilidade de sua gentileza
sinceramente.

Creia-me sempre e com mais
sympathia e velha estima.

Em.º do. cert. e mais obs.

Luís de Magalhães

Carta de Luís de Magalhães sobre o livro «Garatujas» de Joaquim de Lemos — II

Rocha do Conde d'Obidos 1 Y/c
Lisbôa 30 Janeiro 1917.

Ill.mo e Ex.mo Snr
Joaquim de Lemos

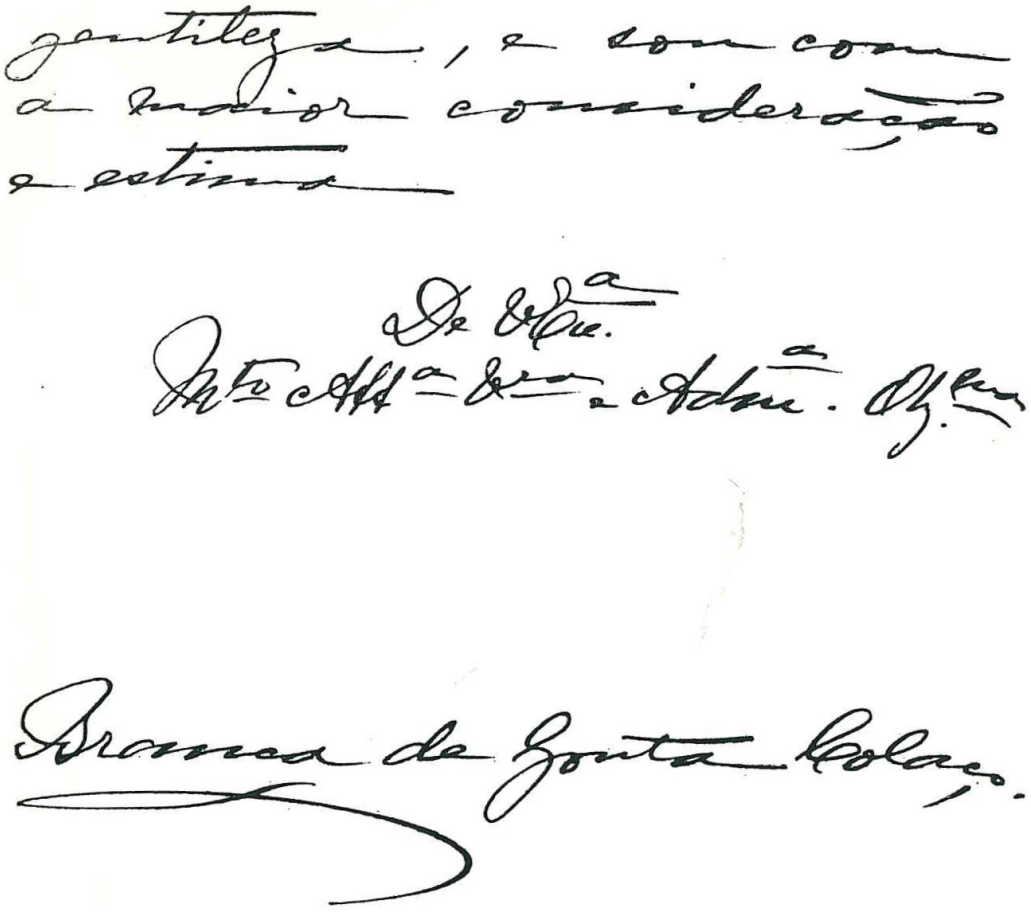
Devido aos mil afazêres
e complicações em que
a minha vida anda
constantemente prêsa,
só agora, tão tarde
e a tão más horas,
venho agradecer a V.Ex.a
a offerta - que tanto
me desvaneceu e
penhorou, dos seus

Carta de BRANCA DE GONTA COLAÇO ácerca de três obras de Joaquim de Lemos

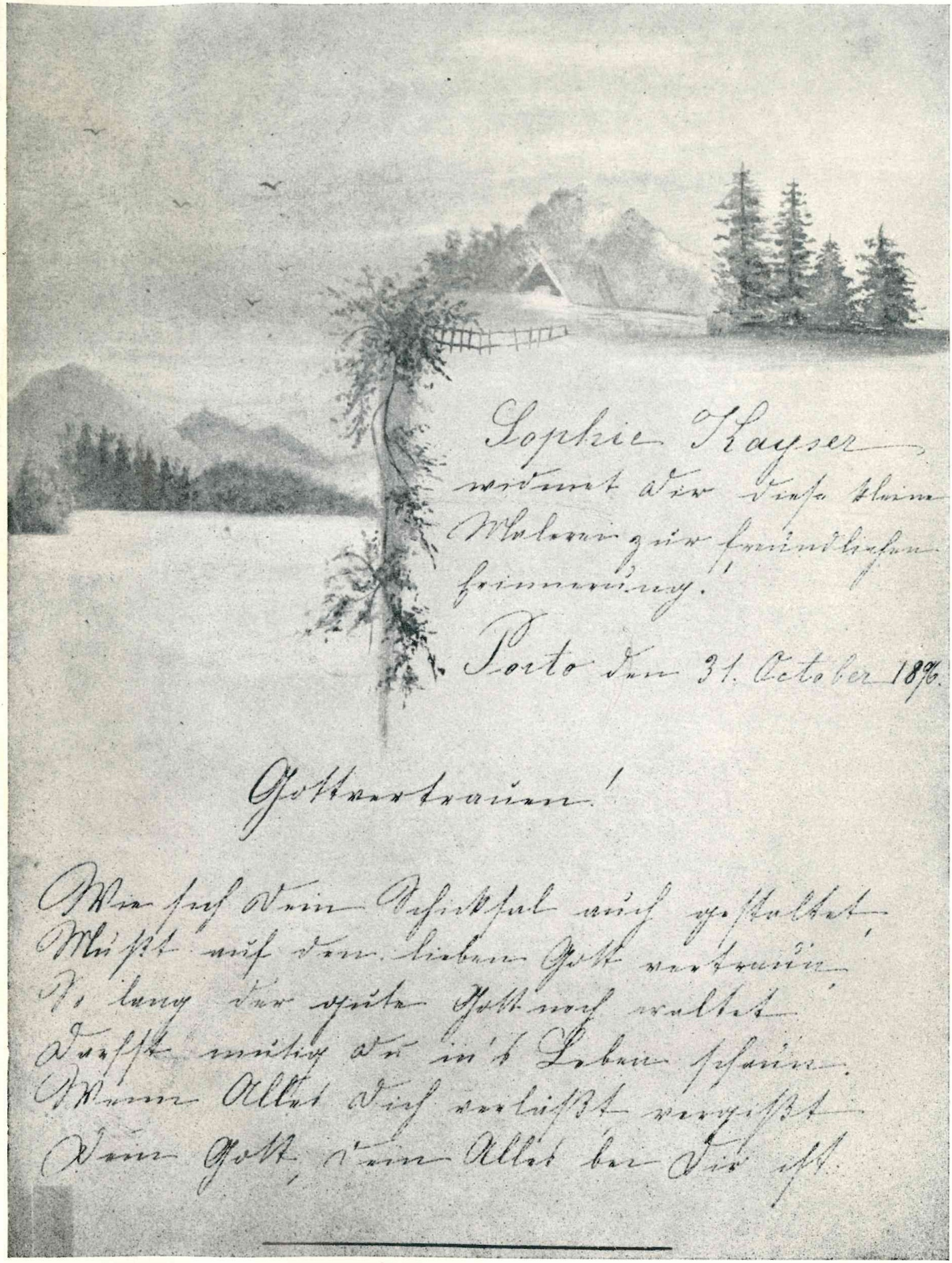
(Continua)

bellos livros de versos: —
"Velhas Trovas", "Tempo Perdido", e
"Garatujas". —
Sem pretender arrogar-
me foros de critico, é-me
no entanto muito grato
dizer lhe o prazer que me
causou a sua leitura,
ja pela inspiração e
pelo sentimento que
nas suas paginas
transparecem, ja
pela permanente evolu-
ção do seu espirito para
a Perfeição, evolução
que se accentua tanto
nas "Velhas Trovas" como
no "Tempo Perdido", como
ainda nas "Garatujas".
A fórma incisiva e
espirituosa por que
V.Ex.ª fere a nota humoris-
tica — revela uma das
mais brilhantes modali-
dades do seu talento,
e é sempre muito
feliz. —
Reitero, com as mi-
nhas desculpas pelo
atrazo, os meus mais
sinceros e vivos agra-
decimentos pela sua

Carta de Branca de Gonta Colaço ácerca de três obras de Joaquim de Lemos — II



Carta de Branca de Gonta Colaço acerca de três obras de Joaquim de Lemos — III



Última folha do Álbum (ilustração e versos de Sophie Kayser)

biblioteca municipal barcelos
60062
Dois álbuns literários dum poeta portuense